

Neto e secretário particular do primeiro presidente pós-redemocratização traça uma linha do fim da ditadura ao momento atual do país. Avalia que o extremismo avançou pela ausência da mediação política e observa: a vida pública não pode ser “tão rasa”

“Tancredo estaria indignado com o que acontece no Brasil”

» FABIO GRECCHI
» VANILSON OLIVEIRA

Ex-governador de Minas Gerais, ex-presidente da Câmara dos Deputados, ex-senador da República, ex-parlamentar constituinte, o

deputado federal Aécio Neves (PSDB-MG) é um dos nomes relevantes da política brasileira nas últimas quatro décadas — não apenas pela trajetória, mas, também, pela herança política. Neto de Tancredo Neves, o primeiro presidente civil eleito depois

de 21 anos de ditadura militar, foi secretário particular do avô e todo tempo esteve ao lado dele — da vitória no Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985, à morte, em 21 de abril do mesmo ano. A eleição de Tancredo concretizou a Nova República e abriu

caminho para a convocação da Assembleia Nacional Constituinte, que resultou na promulgação da Constituição de 1988. Nesta entrevista exclusiva ao **Correio Braziliense**, Aécio revisita os bastidores do processo de redemocratização, reflete sobre a

transição liderada por Tancredo, a atuação de José Sarney — seu vice guindado à Presidência da República por circunstâncias que jamais imaginara —, os impasses na Constituinte e os dilemas da política brasileira atualmente — entre eles, o crescimento

da extrema-direita, o julgamento dos envolvidos na tentativa de golpe de Estado e nas depredações das sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023, e a crise de representatividade que, conforme avalia, abriu espaço para discursos radicais.

Fotos: Luís Nova/CB/D.A Press

Como o senhor definiria e explicaria os três personagens: Ulysses Guimarães (ex-presidente da Câmara dos Deputados e figura central do PMDB no processo de redemocratização), João Figueiredo (último general presidente da ditadura militar) e Leônidas Pires Gonçalves (ministro do Exército escolhido por Tancredo e que continuou com Sarney)?

São figuras muito distintas e de importância variada na cena política brasileira do último século. Ulysses foi um grande timoneiro no processo de redemocratização. A redemocratização do Brasil foi, talvez, a mais bem executada obra de engenharia política da nossa história contemporânea, e ela teve vários artifícios. Ulysses, sem dúvida, foi um deles, com sua firmeza, serenidade, capacidade de liderança e coragem pessoal. Acho que o Brasil deve muito ao papel de Ulysses Guimarães para termos, hoje, a possibilidade de viver num país com todas as dificuldades, mas em democracia plena. Figueiredo foi o último presidente da República militar, que cumpriu ali o seu papel, sempre dando a impressão de que o fez a muito contragosto. Tenho dificuldade de falar dos defeitos, mas fico com o aspecto de que, se não é positivo do ponto de vista pessoal, teve um papel central no processo (de redemocratização). Por vontade própria ou não, permitiu que a transição (da ditadura para a democracia) fosse concluída. O general Leônidas foi um democrata nas Forças Armadas. Teve um papel relevante nesse momento da transição, até porque tinha uma grande autoridade sobre os setores militares. Esse processo de redemocratização esteve sob risco desde o início da candidatura do Tancredo até a posse do Sarney. A figura do general Leônidas teve papel relevante na fase final, garantindo a consolidação da transição.

Ele foi escolhido por Tancredo exatamente por causa da ponte que fazia com os militares?

O Tancredo teve uma grande preocupação naquele último momento. Na noite de 14 de março, antes da posse, ele fez questão de assinar os atos de nomeação do ministério. Isso foi extremamente importante. Todos achavam que ele tomaria posse no dia seguinte. Ele queria tomar algum medicamento para possibilitar a posse e, depois, seria submetido à cirurgia, porque resistiu o quanto pôde, exatamente pelo risco de o presidente Figueiredo não dar posse ao Sarney — e isso era anunciado à época. Esse episódio tem a participação do general Leônidas. Quando fica claro que Tancredo não tomaria



O plenário da Câmara tornou-se insalubre. Os extremos se digladiam. Cada um quer ganhar likes, e não construir soluções. Quanto mais ataques, mais apoio têm. Isso empobrece a política. As pessoas estão cansadas”



Aponte a câmera do celular para o QR code e assista à entrevista completa na página do Correio no YouTube

posse, o general Walter Pires, então ministro do Exército, comunica ao general Leônidas que estaria voltando ao ministério. Mas o chefe da Casa Civil do Figueiredo, ministro (João) Leitão de Abreu, responde: “O senhor não deve ir, porque o senhor não é mais o ministro do Exército. O ministro é o general Leônidas Pires Gonçalves”. Acho que foi uma premonição do Tancredo. Já acamado, com dores, ele fez questão de assinar os atos. O ministro José Hugo (Castelo Branco), que seria chefe da Casa Civil, chegou com os atos de nomeação. Tancredo não quis receber o ministro, mas disse: “Tragam aqui, eu preciso assinar essas nomeações”. Ele sabia que aquilo, talvez, fosse o ato final da transição. Sem isso, talvez tivesse sido aberta uma brecha para os inconfirmados nas Forças Armadas, como o general Sylvio Frota e outros, que resistiam à transição.

Na avaliação do senhor, qual foi o principal mérito do governo Sarney no processo de consolidação da democracia?

Sarney teve muitos méritos. Ele teve uma longa militância na Arena, mas se uniu a outros democratas — como Marco Maciel e Aureliano Chaves — e fundaram a Frente Liberal. Essa frente foi a senha para que Tancredo deixasse o governo de Minas

e pudesse disputar no campo adversário, o Colégio Eleitoral, a eleição presidencial. Sarney foi essencial politicamente. O ato mais importante foi a convocação da Assembleia Constituinte, compromisso de campanha do Tancredo, e a liberdade que deu à Constituinte para construir o texto final. Talvez com Tancredo, a Constituição tivesse uma coluna vertebral mais clara, já recomendada ao (jurista) Affonso Arinos. Mas Sarney não tinha o respaldo político e popular de Tancredo para tomar medidas duras. Mas reforço que Sarney foi essencial. Uma vez, em Belém do Pará, durante o Círio de Nazaré, no meio da multidão, perguntei a Tancredo: “O que o senhor vai fazer com toda essa popularidade?” Ele respondeu: “Vou gastar em três meses”. Demorei três meses para entender. Ele sabia que precisava daquele apoio do país para tomar medidas impopulares, duras, de contenção de gastos. Sarney não teve essa condição, o que agravou a crise e resultou em hiperinflação.

Na Constituinte, quem teve grande protagonismo foi Ulysses. Se Tancredo tivesse assumido, essa liderança teria sido mais equilibrada?

Acho que são momentos diferentes. Conheci Ulysses de perto. Eu era um espectador

privilegiado da cena política. Sentava ao lado dele, do Tancredo, escutando. Ulysses seria o candidato nas (eleições presidenciais) diretas com o apoio de Tancredo e de todos os outros. Quando as diretas fracassam, e Tancredo é escolhido para a eleição indireta, Ulysses poderia ter sentido frustração. Mas foi firme ao lado do Tancredo o tempo inteiro. Eles tinham uma sinergia muito grande. Morávamos na 206 Sul, em Brasília, e Ulysses ia diariamente tomar café com Tancredo. O (jurista) Thales Ramalho dizia que eles dançavam uma música que só os dois conheciam os passos. Quem tentasse se meter acabava tropeçando. Então, não acho que Tancredo se incomodaria com o protagonismo de Ulysses na Constituinte. Eles se completavam. Tancredo queria uma Constituição com viés mais parlamentarista. Sarney, ao contrário, permitiu que a Constituinte começasse do zero. Ulysses foi o timoneiro, mas havia também um grupo de guardiões, como Nelson Jobim, Fernando Henrique Cardoso, Mario Covas, Bernardo Cabral, entre outros, que ajudaram a conter exageros.

Estamos celebrando 40 anos de redemocratização. Mas, ao mesmo tempo, assistimos aos julgamentos de pessoas que tramaram um golpe de Estado.

Isso que dizer que a ditadura jamais foi superada?

Acho o contrário. Isso demonstra a importância da Constituição de 1988. A Constituição permitiu que, mesmo diante de tantas crises — dois impeachments presidenciais, três anos de recessão com o governo Dilma, uma tentativa de golpe —, as instituições se mantivessem firmes. A Constituição foi criticada por muitos, inclusive pelo PT, que não votou nela. (O hoje presidente) Lula, como deputado, subiu à tribuna e disse que não a assinaria. Três deputados do PT (Bete Mendes, Ayrton Soares e José Eudes) que votaram com Tancredo (no Colégio Eleitoral) foram expulsos. Isso é história, mas votou contra. Mesmo assim, a Constituição sobreviveu e permitiu que a democracia resistisse a todas essas turbulências. Ela é a grande responsável pela superação das crises, sem retrocessos institucionais. A democracia é muito sólida, (tanto que) no ano que vem estaremos escolhendo novos políticos para comandar o país.

A anistia de 1979, um dos marcos do processo de redemocratização, pode ser comparada à que se propõe, hoje, na Câmara dos Deputados,